

DEFININDO A ORTOGRAFIA: UMA AÇÃO DE FORTALECIMENTO DA LÍNGUA CHIQUITANO

ÁUREA CAVALCANTE SANTANA*

RESUMO

Neste artigo, apresentam-se discussões e reflexões sobre a definição de uma ortografia experimental para a língua Chiquitano no Brasil. Os encaminhamentos para a definição da ortografia tiveram como eixo norteador a mediação entre os critérios técnicos de unicidade, da notação de sons, de utilização, de facilidade de aprendizagem e também de questões contextuais como ensino de segunda língua e similaridades linguísticas com as variedades da língua Chiquitano na Bolívia. Demonstra-se, em especial, como essas atividades fomentaram as ações de valorização e fortalecimento da língua Chiquitano e como foram inseridas em tais ações.

PALAVRAS-CHAVE: língua indígena, definição de ortografia, revitalização linguística.

INTRODUÇÃO

O povo Chiquitano, ainda pouco conhecido no Brasil, faz parte dos grupos indígenas segregados e silenciados pelas diversas estratégias de povoamento das fronteiras geopolíticas do Brasil colonial. Os pesquisadores Riester (2003) e Moreno (1992) afirmam que os Chiquitano se caracterizam como um grupo formado a partir do contato e da convivência de povos de diferentes culturas e línguas, o qual foi denominado Chiquitano nas reduções missionárias na Bolívia, nos séculos XVII e XVIII; a partir de então, considerados como um povo único. Na Bolívia, os Chiquitano constituem um grupo numeroso, estimado entre 40 e 60 mil indivíduos (MORENO, 1992; RIESTER, 2003). No Brasil, de acordo com Moreira da Costa (2000), soma uma população

* Doutora em Linguística; Professora da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.
E-mail: aurearsh@yahoo.com.br

próxima de duas mil e quinhentas pessoas, habitando cerca de vinte pequenas comunidades na região fronteira do estado de Mato Grosso com a Bolívia, envolvendo os municípios de Cáceres, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade.

Atualmente, 4 comunidades Chiquitano – Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha – são reconhecidas e atendidas pelas instituições públicas brasileiras. Tais comunidades estão localizadas próximas à estrada de rodagem que liga a Rodovia BR 174 à cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, no *continuum* fronteiro entre os Destacamentos Militares de Santa Rita e Fortuna, a cerca de 500 km de Cuiabá. Dados da Funasa (2009) mencionam 325 indígenas habitando as quatro aldeias. Nessas comunidades é que as pesquisas linguísticas, aqui comentadas, foram realizadas.

A língua de uso cotidiano nessas comunidades brasileiras é o português. A língua étnica Chiquitano há mais de quatro décadas não é mais transmitida como língua materna às novas gerações, ela permanece apenas na memória de alguns anciãos, o que a caracteriza como uma língua agonizante, moribunda.

Apesar dessa iminente ameaça de extinção, percebe-se um grande interesse dos indígenas daquelas comunidades em retomar/aprender a língua materna ancestral, o Chiquitano. Os professores almejam, com grande expectativa, ter essa língua registrada e “escrita”, uma vez que, com a sua representação alfabética, poderiam transformá-la em língua de escolarização, o que pode ampliar as possibilidades de vitalidade da língua e, conseqüentemente, de fortalecimento da identidade étnica do seu povo.

Sobre o encontro entre a oralidade e escrita das línguas indígenas, Franchetto (1997, 2008) declara que há perdas e ganhos. Se por um lado, a educação escolar, de uma maneira mais ampla, “é um meio de aniquilamento da diversidade linguística”, por outro lado, a escrita da língua assume para o índio uma autoridade, adquirindo o *status* de uma nova língua, uma língua dos novos tempos.

Sobre essa questão, Meliá (2010) afirma que a escrita, para quem já está acostumado com ela, se converte em um recurso muito efetivo para os efeitos de memorização e repetição de textos. Segundo o autor, “este recurso metodológico há sido geralmente incorporado

al aprendizaje de las lenguas, de tal modo que casi nadie aprende una lengua indígena cuando esta es segunda lengua, sino es através de esse médio” (p. 115). E para os Chiquitano, naquele contexto, a escrita da língua era a forma imediata de manter contato com a língua materna ancestral, reforçando as políticas de resistência. Corroborando, neste sentido, Pimentel da Silva (2009, p. 132) afirma que “em uma situação de revitalização linguística, cada palavra aprendida, falada, é uma conquista histórica”.

No entanto, sabe-se que a vitalidade de uma língua não pode ser programada tecnicamente, já que as línguas são produtos da história e da prática dos falantes, podendo evoluir e/ou retroceder sob pressão ou fatos históricos e sociais (CALVET, 2007). Qualquer processo de revitalização de uma língua não se sustenta somente por um esforço pessoal, nem por um programa técnico específico. A vitalidade de uma língua depende, sobretudo, do envolvimento e da vontade de seus falantes. Por isso, essa vontade e o envolvimento da comunidade Chiquitano foram e são tão essenciais no processo de retomada de sua língua materna ancestral.

Durante a minha permanência nas comunidades Chiquitano, onde realizei pesquisas linguísticas para os cursos de Mestrado e Doutorado, participei de alguns encontros com os professores para a socialização dos estudos da língua Chiquitano. Nesses momentos, a proposta para a definição da ortografia surgiu como uma das ações para promover a manutenção e a revitalização da língua materna ancestral daquele grupo. Dessa forma, a pesquisa linguística realizada concomitante, envolvendo as observações sobre os aspectos históricos, sociolinguísticos, fonéticos e fonológicos da língua Chiquitano, constituiu a base de conhecimento linguístico e subsidiou as discussões, as atividades e as orientações voltadas para a definição da ortografia e também para as práticas na sala de aula, para usos no cotidiano etc.

Esses diálogos, bem como a interatividade e a interseção entre a pesquisa linguística e definição de uma ortografia para o Chiquitano, como ação de fortalecimento da língua materna ancestral, consistiram de momentos reflexivos muito importantes, sobre os quais comenta-se a seguir.

Apesar de a língua Chiquitano já ter, na Bolívia, forma escrita e diversas publicações, a necessidade de se definir uma ortografia a ser utilizada pelas comunidades brasileiras foi justificada por questões técnicas, pedagógicas e também políticas.

Dentre essas questões, ressalta-se uma grande dificuldade de entendimento do material escrito publicado na Bolívia,¹ causada especialmente pela diferença entre os vários alfabetos utilizados nas publicações bolivianas. Castro, Jiménez e Olívio (2003, p. 21) afirmam que, desde a época dos missionários jesuítas, são utilizados vários alfabetos na escrita dessa língua. Tal situação, segundo os autores, tem gerado nas comunidades Chiquitano bolivianas “uma necessidade de um alfabeto único, fruto do esforço, debate e decisão dos falantes chiquitanos”. Assim, declaram eles, que desde 1995 têm sido realizadas revisões técnicas dos alfabetos com o intuito de determinar um alfabeto Chiquitano oficial. Nos anos seguintes, 1996 e 1997, diversos encontros de difusão do alfabeto “besiro”² foram realizados nas províncias Chiquitano, na Bolívia.³

Outra questão seria o fato de que a escolha de grafemas para uma ortografia em língua indígena, além de se basear nos estudos Fonéticos e Fonológicos, busca acompanhar, de maneira geral, a língua nacional oficial. No caso das escritas existentes do Chiquitano, a representação de alguns sons foi baseada na escrita do espanhol. Assim, os Chiquitano brasileiros, alfabetizados em português, têm dificuldades em entender aquelas escritas com base na ortografia da língua espanhola. Como exemplo desse tipo de dificuldade, poderíamos citar o grafema (ch),⁴ que no alfabeto espanhol representa o som da africada alveopalatal desvozeada /tʃ/, e no alfabeto do português brasileiro o grafema (ch) representa a fricativa alveopalatal desvozeada /ʃ/, ou seja, o mesmo grafema representa, nas duas ortografias (espanhola e portuguesa), sons distintos.

Há, ainda, as diferenças fonéticas, fonológicas e lexicais entre as variedades regionais da própria língua Chiquitano, que podem não parecer comprometedoras para os falantes da língua. No entanto, para os aprendizes, elas podem parecer complexas, considerando o

desconhecimento da língua Chiquitano pelos adultos e jovens para os quais estávamos propondo a escrita da língua.

Outra questão, mais política, seria o *status* de ter uma escrita própria, com publicações mais próximas de sua realidade sociolinguística do Chiquitano no Brasil. Pelos estudos fonéticos e fonológicos realizados nas comunidades brasileiras, demonstrados em Santana (2005; 2012), perceberam-se diferenças na definição de fonemas como o /v/ e o /g/, por exemplo, considerados fonemas apenas na variedade brasileira. Para Franchetto (2008), o reconhecimento de uma especificidade da língua, já é o início da busca de uma representação. Assim, para as comunidades Chiquitano brasileiras, ter uma escrita diferenciada que valorizasse esses aspectos regionais contribuiria para a elevação da autoestima, da autovalorização étnica, tão necessárias naquele momento.

Era importante que os professores envolvidos entendessem que a definição de uma ortografia para uma língua de tradição oral é um processo demorado que envolve discussões técnicas, políticas, pedagógicas e até mesmo geopolíticas, quando existem outros países envolvidos. Levando em consideração a transnacionalidade vivenciada pelo grupo Chiquitano na região fronteira entre o Brasil e a Bolívia, também era necessário que os professores indígenas tivessem conhecimento das diferenças linguísticas, dos aspectos ortográficos das variedades linguísticas do Chiquitano e das outras línguas envolvidas ou em contato (como o português e o espanhol, por exemplo), para poder promover e/ou mediar a compreensão dos alunos nos diversos processos de aprendizado da língua Chiquitano. Assim, sob estas perspectivas, é que procederam as conversas para a definição do alfabeto para a língua Chiquitano brasileira.

A ESCOLHA DOS GRAFEMAS PARA REPRESENTAR OS FONEMAS

Sobre o processo de definição das escritas, Franchetto (2008, p. 51) metaforiza-o como “‘fio da navalha’ entre o reconhecimento de uma ‘realidade específica’ e o desejo de evitar marcas de diferenças excessivas, sobretudo do português enquanto referência normatizadora”. Para Calvet (2007, p. 105-106), as escritas são, pela sua própria natureza,

imperfeitas, mas para serem eficazes devem combinar certos critérios como unicidade, notação dos sons e tons significativos e facilidade de aprendizagem e utilização. Sob tais premissas, as discussões e reflexões encaminhadas tiveram, como eixo norteador, a mediação entre os critérios mencionados por Calvet (2007) e as questões como ensino de segunda língua, similaridades linguísticas com as variedades dialetais presentes nas publicações bolivianas, alguns parâmetros da língua nacional oficial (o português) e até a utilização do alfabeto em meios eletrônicos como computador, celular etc.

O primeiro evento em que se discutiu a ortografia para a língua Chiquitano brasileira aconteceu em 2006, organizado por Ema Marta Dunk-Cintra e por mim. Naquela época, foi apresentado aos professores de Chiquitano um quadro com os sons dessa língua, identificados por Santana (2005), e as respectivas representações no português e em outras regiões da Bolívia (Quadro 1). Neste quadro, foi dado um enfoque especial para a ortografia apresentada pelos autores Castro, Jiménez e Olívio (2003), pois, segundo eles, esta foi a ortografia definida durante uma Convenção de Professores na Bolívia, em 1995. O objetivo em ressaltar esta ortografia era mostrar a articulação dos professores bolivianos e também colocá-los a par das discussões envolvendo a ortografia da língua Chiquitano. Ainda foram citados exemplos de grafias em outras línguas indígenas brasileiras como Wapichana (FRANCHETTO, 2008), Bororo (OCHOA, 2005), Terena (FRANCISCO e FRANCISCO, 1997), Apinayé (ALBUQUERQUE, 2009) etc.

Em um processo de definição de ortografia, é importante que os participantes conheçam outras grafias e/ou grafemas utilizados na representação dos sons. No caso dos Chiquitano, isso se fazia mister, pois, como já mencionado, eles já tinham contato e normalmente manuseavam materiais e textos na língua Chiquitano vindos da Bolívia. Conhecer os registros ortográficos bolivianos também era importante para poder compará-los, fazer reflexões sobre os grafemas, observando o que era similar e o que era diferente e, com base nesse material, iniciar a discussão de escolha dos grafemas para representar os fonemas na variedade Chiquitano brasileira. Dessa maneira, foi feita a escolha dos grafemas para a ortografia da língua Chiquitano a ser utilizada pelas comunidades brasileiras.

De acordo com o exposto no Quadro 1, como se pode observar, a intenção era buscar similaridades, comparar e estabelecer relações dos sons na língua Chiquitano com as respectivas representações ortográficas existentes no português e no Chiquitano boliviano.

QUADRO 1 - COMPARATIVO DOS ALFABETOS NA LÍNGUA CHIQUITANO

SONS CHIQUITANO (SANTANA, 2005)	PORTUGUÊS DO BRASIL	CHIQUITANO DA BOLÍVIA		
		Região de San Inácio (RIESTER, 1986)	Região de Concepción (TORMO, 1993)	Convenção de Professores (CASTRO; JIMÉNEZ e OLÍVIO, 2003)
a	a	a	a	a
e / ε	e	e	e	e
i	i	i	i	i
o / ɔ	o	o	o	o
ɨ / y*	não há	ü	ü	ɨ
u	u	u	u	u
ʔ	não há	ʔ	não há	ʔ
β	não há	b / v	b	b
tʃ	t (i)	ch	ch	ch
h	r (início) rr (meio)	h	h	não há
k	c (a, o, u) qu (i,e)	k	c (a, o, ü, u) qu (e, i)	k
m	m	m	m	m
n	n	n	n	n
ɲ	nh	ñ	ñ	ñ
p	p	p	p	p
r	r (meio)	r	r	r
s	s	s	s	s
t	t	t	t	t
ʃ	x ch	sch	rr	xh
ʂ	não há	rsch	rr	x

* Na época da apresentação deste quadro, o *status* de fonema destes sons ainda estava indefinido.

Para a representação dos fonemas vocálicos /a, e, i, o, u/ e consonantais /h, m, n, p, r, s, t/, foram escolhidos respectivamente os grafemas (a, e, i, o, u) e (h, m, n, p, r, s, t). Para tais escolhas, não

houve discussão, já que a representação deles era similar em todas as ortografias bolivianas e também no português brasileiro.

Apesar de as vogais orais médias abertas, anterior [ɛ] e posterior [ɔ], não serem distintivas na língua Chiquitano, os professores propuseram marcá-las com acento agudo a fim de manter a distinção na fala, pois a marcação da vogal aberta poderia gerar confusão com a tonicidade da sílaba; além disso, outro argumento dado por eles, muito válido por sinal, foi o de que, se estávamos propondo uma escrita que facilitasse o aprendizado da língua, então seria interessante que aprendessem “pronunciando as vogais abertas e fechadas”. Diante dessas justificativas, achamos mais proveitoso manter a marcação com o acento. Durante o processo de escolha dos grafemas, procurou-se mostrar os prós e contras que incidiriam sobre ela, mas deixando a decisão final com os professores. Em casos como esses, evitava-se o acirramento das discussões e/ou estabelecimento de regras para marcar a acentuação e/ou estabelecer outras situações de uso de grafemas. Preferiu-se, então, deixar que as questões mais complexas fossem bem analisadas com a prática da escrita e, se fosse necessário, posteriormente seriam retomadas para discussão.

Na época das primeiras reuniões para a definição da ortografia, considerava-se, na análise fonológica de Santana (2005), a vogal oral alta central como arredondada /ɨ̃/ e a fricativa bilabial vozeada /β/ como fonemas. Assim, naquela ocasião, a escolha do grafema para representar a vogal /ɨ̃/ seguiu a representação boliviana (ü), e, para a fricativa /β/, o grafema escolhido foi (v). Mais tarde, com a revisão da fonologia (SANTANA, 2012), foram postulados como fonemas a vogal oral alta central como não arredondada /ĩ/, substituindo /ɨ̃/, e a fricativa labiodental vozeada /v/, substituindo /β/,⁵ mas os grafemas foram mantidos, após a socialização da revisão com os professores, como se comenta mais adiante.

A escolha dos grafemas para a representação dos fonemas oclusivo velar desvozeado /k/ e nasal palatal vozeado /ɲ/ teve como argumento inicial a simplificação na leitura e escrita. Sobre o uso de (c) e/ou de (qu) para representar a oclusiva velar desvozeada /k/, discutiu-se que a opção por um deles ou pelos dois poderia trazer a mesma “confusão” que existe na escrita do português, por exemplo. O uso do gra-

fema (ñ) para representar a nasal palatal vozeada /ɲ/ também poderia parecer estranho para a maioria dos jovens, alfabetizados em português e que não tinham experiência em ler em espanhol. Assim, os grafemas escolhidos para a representação dos fonemas oclusivo velar desvozeado /k/ e nasal palatal vozeado /ɲ/ foram, respectivamente, (k) e (nh).

Quanto aos grafemas para representar a africada alveopalatal desvozeada /tʃ/ e a fricativa alveopalatal desvozeada /ʃ/, estes renderam uma discussão maior, considerando que as variedades bolivianas apresentavam grafias distintas. A primeira proposta foi a utilização dos grafemas (tx) e (x) para representar, respectivamente, os fonemas /tʃ/ e /ʃ/. O grafema (tx) foi até bem visto pelo grupo, mas o grafema (x) para representar o fonema /ʃ/ não foi aceito. Isso se deveu ao fato de que a fricativa alveopalatal desvozeada /ʃ/ representava o som da sílaba inicial do nome “Chiquitano” e ficaria difícil justificar para os alunos como a palavra Chiquitano era escrita com (ch) e outras palavras na língua, com o mesmo som, escritas com (x). Depois de muita negociação, os professores chegaram à conclusão de que o grafema (ch) deveria representar o fonema /ʃ/, com os argumentos de que era a “letra do nome Chiquitano” e este grafema também existia no português. Venceu o argumento intercultural, ou seja, venceu o argumento do contexto de escrita do nome do grupo “Chiquitano” que, para eles, já era uma marca de identificação étnica. Além disso, para manter a sequência, foi definido para o fonema /tʃ/ o grafema (tch).

Como era de se esperar, a discussão maior ficou por conta da escolha da representação do fonema fricativo retroflexo desvozeado /ʂ/. Este som não existe em português, e nas grafias Chiquitano bolivianas era o símbolo mais distinto. A primeira opção dos professores foi pelo grafema (rsch), formado por quatro letras, utilizado em uma das grafias bolivianas com as quais já tinham contato através de algumas publicações. Apesar dos argumentos contrários, alegando-se uma quantidade grande de letras, os professores não abriram mão da decisão, permanecendo a escolha do grafema (rsch) para representar a fricativa retroflexa desvozeada /ʂ/. A escolha do grafema para representar tal fricativa rendeu ainda outras discussões, comentadas mais à frente, neste mesmo artigo.

Assim, em outubro de 2007, tivemos a primeira versão do alfabeto Chiquitano, que pode ser conferida no Quadro 2. Ele seria colocado em prática, para se testar a escrita, só depois seriam feitos os ajustes, se necessários.

QUADRO 2 - PRIMEIRA PROPOSTA DE ALFABETO PARA A LÍNGUA CHIQUITANO NO BRASIL

ALFABETO LÍNGUA CHIQUITANO - JULHO DE 2007			
SOM CHIQUITANO (SANTANA, 2005)	SOM SIMILAR EM PORTUGUÊS E GRAFEMA	GRAFEMA (SÍMBOLO) ESCOLHIDO	PALAVRA ESCRITA EM CHIQUITANO
a	(asa) a	a	taropés (cuia)
e / ε	(pelé) e	e / é	pé'és (fogo)
i	(índio) i	i	kupikinha (menina)
o / o	(olhos) o	o / ó	novorórsh (lobo)
ɯ - y	não tem	ü	tavaürsch (chicha)
u	(uva) u	u	masupakich (surdo)
ʔ	não tem	'	tama'a (um)
h	(rua) r	h	heskonho (rápido)
k	(casa) c	k	kiumatursch (feio)
m	(mãe) m	m	mastakama (bonito)
n	(nariz) n	n	norasivirirsch (lambari)
ɲ	(manhã) nh	nh	nha'uma (criança)
p	(pató) p	p	paravarsch (arara)
r	(barata) r	r	nosorursch (córrego)
s	(sapo) s	s	pusiörch (flor)
t	(telha) t	t	nopetarsch (cágado)
β	não tem	v	tavorórsch (careca)
ʃ	(xícara) x (chá) ch	ch	notuvarich (rã)
tʃ	não tem	tch	tchapórsch (copo)
ʂ	não tem	rsch	taarsch (chuva)

• Sons em empréstimos: g, l, b, f, j = g, l, b, f, j (como em português)

Os itens lexicais para representar os exemplos foram sugeridos pelo grupo, cada integrante ia sugerindo um ou outro item Chiquitano, de acordo com os critérios de significado comum, conhecido pelas pessoas, pela facilidade de pronúncia etc.

A REVISÃO DO ALFABETO

À medida que as pesquisas linguísticas iam avançando, íamos revisando as representações e, conforme se certificava através da pesquisa as alterações no quadro fonológico da língua, estas iam sendo socializadas com os professores, a exemplo do acréscimo dos fonemas /g, w, j/, da alteração da vogal oral central não arredondada /i/ e da substituição do fonema /β/ pelo fonema /v/. As escolhas dos grafemas para representar esses “novos” fonemas ficaram respectivamente: (g, w, j)⁶ e (ü, v),⁷ e seguiram os critérios já discutidos anteriormente, como a proximidade entre o alfabeto do português, a convenção dos professores bolivianos e, ainda, a possibilidade de “escrever o símbolo” no computador.

Também foram retomadas as discussões sobre a representação da fricativa retroflexa desvozeada /ʂ/. Sugeriu-se, a exemplo da convenção na Bolívia, que fosse repensada a possibilidade de escolha do grafema (x) para representar o fonema /ʂ/. Durante essa discussão, algumas tentativas de escrita foram feitas, pelos professores, com as duas formas ortográficas (Quadro 3). Novamente, comparando os grafemas com o alfabeto do português, eles acharam que a leitura ficaria confusa para os alunos, já acostumados, em português, com o grafema (x) representando a fricativa alveopalatal desvozeada /ç/, como pode ser verificado no Quadro 3, a seguir.

QUADRO 3 - GRAFEMAS PARA A FRICATIVA RETROFLEXA DESVOZEADA /ʂ/

Forma fonética	Grafia atual	Grafia proposta	Forma hipotética: como os alunos pronunciariam
[no'kɔʂ]	nókórsch	nokox	[no'kof]
[ʂoʂi'iʂ]	rschorschiich	xoxiix	[ʃoʃi'iʃ]
[paka'uʂ]	pakaursch	pakaux	[paka'uf]

Segundo os professores, como os alunos já estavam acostumados com a pronúncia do (x) = [ç] em português, não iriam pronunciar a fricativa retroflexa como deveriam. Assim, mesmo reconhecendo que eram

muitas letras no grafema (rsch), para representar o fonema /ʃ/, optaram por reduzir apenas uma letra do grafema anterior, ficando a representação da fricativa retroflexa desvozeada /ʃ/ como (rch).

Ficou evidente, nas discussões, a importância dada pelos professores Chiquitano à representação escrita da fricativa retroflexa desvozeada /ʃ/, que refletia, para eles, uma identidade diferenciada, uma identidade Chiquitano, como se pode perceber em várias abordagens durante as ações de autoafirmação como povo indígena. A fricativa retroflexa desvozeada /ʃ/ está presente em coda final da maioria dos nomes (animais, coisas, plantas etc.) e, nas circunstâncias de utilização de itens lexicais de outras línguas, como o português e o espanhol, por exemplo, a fricativa retroflexa é um dos elementos mais significativos no processo de adaptação fonológica (conferir discussão em SANTANA, 2012).

Durante a coleta e a elicitación dos dados linguísticos, e também durante as discussões para a escolha dos grafemas, quando os professores fizeram questão de representar a escrita da fricativa retroflexa de forma diferenciada para que não fosse confundida com outro fonema do português ou do espanhol, a pronúncia da fricativa retroflexa desvozeada foi a que mais chamou a atenção dos “lembradores” nos momentos de correção da fala; eles diziam: “sua língua está assim, meio pesadinha”, “precisa puxar mais a língua”. Essas atitudes não deixam dúvidas de que a fricativa retroflexa desvozeada /ʃ/, nessas comunidades, detém um *status* cultural muito especial e significativo (SANTANA, 2012).

Outra situação posta em discussão para a definição da ortografia foi a nasalização das vogais e a necessidade de se pensar como representar a ortografia das vogais nasais /ĩ/, /ẽ/ e /ũ/, já que nos programas básicos do computador não seria possível digitar os grafemas (i, e, u) com o til (~).

Vale lembrar a importância de os Chiquitano brasileiros conhecerem a convenção ortográfica feita na Bolívia e estabelecer relações com os professores Chiquitano bolivianos,⁸ a fim de estreitar laços culturais e até mesmo compartilhar programas e ações de políticas linguísticas. A definição da ortografia é um processo dinâmico e político e, por isso, envolve tantas discussões, experimentação e negociação.

Assim, em outubro de 2009, ficou definida uma segunda versão da ortografia para a língua Chiquitano, conforme demonstrado a seguir (Quadro 4):

QUADRO 4 - SEGUNDA PROPOSTA DE ALFABETO PARA A LÍNGUA CHIQUITANO NO BRASIL

ALFABETO LÍNGUA CHIQUITANO - OUTUBRO DE 2009			
Fonema	Grafema	Chiquitano	Português
a	a	kamapae	agora
ã	ã	kaãrch	pedra
e	e / é	péés	fogo
ẽ	ẽ	ninhe'ẽ	minha mão
i	i	kupikinha	menina
ĩ	ĩ	cha ĩ ch	cocô
o	o / ó	nokórch	abóbora
õ	õ	tak õ òrch (Ff)*	tatu
ü	ü	paürch	mulher
u	u	sururch	resina
ũ	ũ	sa ũrch (Ff)	formigão
ʔ	ʔ	tama'ʔa	um
g	g	kusagórch	nuvem
h	h	héskonho	rápido
k	k	kiumaturch	feio
m	m	mastakama	bonito
n	n	napae (Ff)	avó
ɲ	nh	nha'uma	criança
p	p	paravarch (Ff)	arara
r	r	nosorurch	córrego
s	s	nosusich (Fm)	cervo
t	t	tipich (Ff)	formiga
v	v	tavarch	mandioca
w	w	watopi	vamos tomar banho
j	j	jopourch	cera

(continua)

ALFABETO LÍNGUA CHIQUITANO - OUTUBRO DE 2009			
Fonema	Grafema	Chiquitano	Português
ʃ	ch	chourch (Ff)	cobra
tʃ	tch	tchapórch	copo
ɕ	rch	taarch	chuva

* A iniciais (Ff) e (Fm) à frente das palavras em Chiquitano, são utilizadas para identificar as falas masculina e feminina naquela língua.

Nessa segunda proposta, o alfabeto para a língua Chiquitano ficou composto de 23 grafemas: 6 vogais e 17 consoantes. Ele ainda é experimental, considerando que a representação das vogais nasais /ẽ/, /ĩ/ e /ũ/ e outras questões ainda precisam ser revistas e aprovadas por todos os professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a língua Chiquitano, realizados concomitantemente às discussões e ações para o fortalecimento e revitalização dessa língua materna ancestral, foram muito importantes para a definição da ortografia da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras.

As abordagens dos aspectos culturais, no processo de definição da ortografia, contribuíram para dar maior visibilidade à dimensão sociolinguística e à revitalização da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha. Nesse sentido, o conhecimento dos aspectos históricos, sociolinguísticos, fonéticos e fonológicos da língua Chiquitano, subsidiando as discussões para a definição da ortografia, foi muito mais que um conteúdo a ser explorado pelos professores no planejamento e no material didático. Ele constituiu, para ambos, professores e alunos, um aspecto motivador para o aprendizado da língua materna ancestral.

O envolvimento dos anciãos Chiquitano, em especial dos professores daquelas comunidades, fez-se imprescindível em todas as ações de fortalecimento e valorização da língua Chiquitano. Para aquelas comunidades, naquele momento, retomar a língua materna ancestral era essencial, pois lhes daria credibilidade, reforçando “as provas” de que eram indígenas. Dessa forma, os desejos dos professores

e da comunidade Chiquitano concatenaram com os objetivos mais amplos da pesquisa com a língua Chiquitano, os quais consistem em transpor os limites da pesquisa acadêmica, com propostas de fomentar e subsidiar ações e políticas de revitalização da língua Chiquitano naquelas comunidades.

DEFINING ORTHOGRAPHY: AN ACTION TOWARDS THE STRENGTHENING OF THE
CHIQUITANO LANGUAGE

ABSTRACT

In this article, we have presented discussions and reflections on the definition of an experimental orthography for the Chiquitano language in Brazil. These discussions had as guidelines the mediation between the technical criteria for uniqueness, notation of sounds, ease of learning and also contextual issues such as the teaching of a second language and linguistic similarities with the varieties of the Chiquitano language in Bolivia. They have shown, in particular, how these activities encouraged and served as basis for actions for the appreciation and strengthening of the Chiquitano language.

KEY WORDS: indigenous language, definition of orthography, linguistic revitalization.

DEFINIENDO LA ORTOGRAFÍA: UNA ACCIÓN DEL FORTALECIMIENTO DE LA
LENGUA CHIQUITANO

RESUMEN

En ese artículo se presentan discusiones y reflexiones a respecto de la definición de una ortografía experimental de la lengua Chiquitano en Brasil. Los procedimientos de definición tuvieron como marco norteador la mediación entre los criterios técnicos de unicidad, de la notación de sonidos, de utilización o uso, de facilidad en el aprendizaje y también por las cuestiones contextuales, como por ejemplo, la enseñanza de una segunda lengua y igualdades lingüísticas con las variedades de la lengua Chiquitano en Bolivia. Se demuestra en especial, como estas actividades han fomentado y se han inserido en las acciones de valoración y fortalecimiento de la lengua Chiquitano.

PALABRAS CLAVE: lengua indígena, definición de la ortografía, revitalización lingüística.

NOTAS

1. A preocupação com as escritas bolivianas se justifica pelo acesso que o grupo tem a alguns materiais (livro de orações e textos bíblicos, cartilhas, gramática) publicados na língua Chiquitano.
2. “Besiro” é como a língua Chiquitano é conhecida na Bolívia.
3. Sans (2010) reafirma a preocupação dos professores com a variedade de alfabetos Chiquitano utilizados em regiões distintas da Bolívia; desde 1995, tem havido oficinas para a padronização desses alfabetos. A última foi realizada em 2007.
4. As convenções gráficas utilizadas para distinguir fone, fonema e grafema foram, respectivamente, colchetes, barras oblíquas e parênteses.
5. Conferir discussão sobre as novas análises desses fonemas em Santana (2012).
6. Considerando que apenas um terço dos professores participou da reunião para a escolha dos grafemas (w e j), essa discussão precisa ser retomada.
7. Estes grafemas permaneceram os mesmos na segunda proposta do alfabeto para a língua Chiquitano.
8. Na época do *Encontro de Formação e Estudos Linguísticos*, tentou-se uma aproximação, convidando o Professor Pablino Parapaino Castro, linguista Chiquitano e autor de manuais e cartilhas na língua Chiquitano, para participar do evento. Ele aceitou o convite, mas infelizmente não pôde comparecer.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. E. Reflexões preliminares sobre a aquisição da escrita alfabética Apinayê. *Cadernos de Educação Escolar Indígena*, v. 7, p. 24-47, Faculdade Indígena Intercultural, Barra do Bugres: UNEMAT, 2009.
- CALVET, L.-J. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola/Ipol, 2007.
- CASTRO, P. P.; JIMÉNEZ, P. I.; OLÍVIO, J. *Guia del Alfabeto Besiro*. La Paz, Bolívia: Viceministerio de Educación Escolarizada y Alternativa, Ministerio de la Educación, 2003.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE (FUNASA). *Demonstrativo – famílias: polo base Chiquitano*. Siasi: 23/7/2009.

FRANCHETTO, B. *Reflexões em torno de uma experiência ideologicamente correta*. XXI Encontro Anual da ANPOCS, 1997. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5251&Itemid=360>. Acesso em: 25 nov. 2011.

_____. A guerra dos alfabetos: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132008000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 dez. 2011.

FRANCISCO, C. S.; FRANCISCO, M. A. *Pequeno dicionário da língua Terena Vemó'U*: Dicionário Aruak-Português para I e II graus. Campo Grande, MS: Ruy Barbosa, 1997.

OCHOA, C. G. *Pequeno Dicionário Português*. Campo Grande: UCDB, 2005.

MELIÁ, B. S. J. *Pasado, presente y futuro de la Lengua Guarani*. Asunción, Paraguay: CEADUC (Centro de Estudios Antropológicos de La Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”) e CPI (Centro de Postgrado e Investigación), 2010.

MOREIRA DA COSTA, J. E. *O manto do encoberto: identidade e território entre os Chiquitano (MT)*. Monografia (Especialização em antropologia: teoria e métodos) – Universidade Federal de Mato Grosso, Departamento de Antropologia, Cuiabá, MT, 2000.

MORENO, A. P. Chiquitos: história de una utopia - Parte I. In: MORENO, A. P.; SALAS, V. S. (Eds.). *Chiquitos: história de una utopia*. Santa Cruz, Bolívia: Imprensa Sirena, 1992. p. 15-161.

PIMENTEL DA SILVA, M. do S. *Reflexões sociolinguísticas sobre línguas indígenas ameaçadas*. Goiânia: Ed. UCG, 2009.

RIESTER, J. *Zúbaka – la Chiquitania: visión antropológica de una región em desarrollo*, Tomo I, Vocabulário Español – Chiquito y Chiquito – Español, Cochabamba, La Paz: Los Amigos del Libro, 1986.

_____. *El mundo de los chiquitanos*. Borrador para la elaboración de um CD interativo de carácter educativo para las escuelas primarias y secundarias em Bolívia. Santa Cruz: Apoyo para el Campesino Indígena del Oriente Boliviano (APCOB), 2003. (Não publicado).

SANS, P. *Éléments de sociolinguistique et de phonologie du bés̄iro (Chiquitano): langue em danger des basses terres de Bolivie*. Mémoire de Máster 2. Lyon: Université de Lyon, 2010.

SANTANA, Á. C. *Transnacionalidade linguística: a língua Chiquitano no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

_____. *Línguas cruzadas, histórias que se mesclam: ações de documentação, valorização e fortalecimento da língua Chiquitano no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

TORMO, J. G. *Gramática moderna de la lengua Chiquitana y vocabulario básico*. Santa Cruz de La Sierra, Bolivia: Talleres Gráficos de Imprensa los Huérfanos, 1993.

Recebido em 9 de julho de 2013

Aceito em 13 de dezembro de 2013
